

Drones no jornalismo: implicações éticas e de mobilidade

Drones in journalism: ethical implications and mobility

Antonio SIMÕES¹

Fernando Firmino da SILVA² | Arão de AZÊVEDO³

Keliane BARBOSA⁴ | Deise CARVALHO⁵

Resumo

A reconfiguração do campo jornalístico exige novas incursões de pesquisas. Neste contexto, temos o "jornalismo drone", que se caracteriza pelo uso de veículo aéreo não-tripulado móvel para fins de coberturas jornalísticas aéreas. O artigo faz um estudo de caso da *Folha de São Paulo*, *The New York Times* e mapeamento de outros episódios empíricos no jornalismo. Espera-se apontar desdobramentos dos usos no jornalismo e caracterização das implicações éticas e de mobilidade.

Palavras-chave

Jornalismo; Drones; Mobilidade; Ética; Convergência.

Abstract

The reconfiguration of the journalistic field requires new incursions of research. In this context, we have "drone journalism," which is characterized by the use of mobile Unmanned Air Vehicle for purposes of news coverage. The article makes a case study of the *Folha de São Paulo*, *The New York Times* and mapping other empirical episodes in journalism. Expected developments point uses in journalism and characterization of the ethical implications and mobility.

Keywords

Journalism; Drones; Mobility; Ethics; Convergence.

EIXO TEMÁTICO

RECEBIDO EM 17 DE DEZEMBRO DE 2015
ACEITO EM 09 DE AGOSTO DE 2016

¹ Jornalista. Doutor em Ciências Sociais na Universidade Federal de Campina Grande. Professor do Departamento de Comunicação - Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba. Integrante do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Mobilidade - MOBJOR. Contato: simoesmenezes@gmail.com

² Jornalista. Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia. Professor do Departamento de Comunicação - Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba. Professor do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Mobilidade - MOBJOR. Integrante do Laboratório de Jornalismo Convergente da Universidade Federal da Bahia. Contato: fernando.milanni@gmail.com

³ Jornalista. Especialista em Jornalismo Cultural pela Faculdades Integradas de Patos. Mestre em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba. Professor do Departamento de Comunicação - Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba. Integrante do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Mobilidade - MOBJOR. Contato: araodezevedo@gmail.com

⁴ Graduanda em Comunicação Social - Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba. Aluna de Iniciação Científica PIBIC/UEPB. Integrante do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Mobilidade - MOBJOR. Contato: kelianeatb1@gmail.com

⁵ Graduada em Comunicação Social - Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba. Integrante do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Mobilidade - MOBJOR. Contato: deeeysel46@gmail.com

Mobilidades e jornalismo

A mobilidade se manifesta em várias perspectivas e adentra campos como sociologia, urbanismo, geografia e comunicação. Para Urry (2007) vivenciamos um cenário de "mobilidades" com múltiplas dimensões do fenômeno e, no contexto contemporâneo, as tecnologias móveis e as tecnologias sem fio complexificam essa condição com as mobilidades física e informacional presentes em práticas como o uso de *smartphones*, de *smartwatches* (relógios inteligentes), Google Glass (óculos de imersão com tecnologia vestível) e os drones (aeronáveis portáteis não-tripuladas). Diante das facetas expostas, os drones no jornalismo são o objeto de análise deste artigo nas dimensões teórica e empírica a partir da sua caracterização móvel, de olhar panorâmico e de compressão espaço-temporal considerando a problematização de confronto do seu uso no jornalismo e da percepção dos seus potenciais enquanto sistema de mobilidade e das questões éticas envolvidas a partir da noção de interesse público.

Os drones já fazem parte da mobilidade do espaço aéreo brasileiro e de outros países para fins de recreação, esporte e vigilância e agora para a realização de reportagens jornalísticas. Por ser uma tecnologia com uso específico para coberturas panorâmicas, a utilização de drones têm ocorrido em circunstâncias específicas como no caso do uso pela *Folha de S.Paulo* em 2013 na cobertura das manifestações de junho ou na construção de narrativas como a "Greenland is melting away"⁶ do *The New York Times*, em outubro de 2015. Nas duas circunstâncias, o drone foi utilizado para superar as dificuldades operacionais para as reportagens. No primeiro caso, a dificuldade de acesso ao espaço físico das manifestações em decorrência dos conflitos dos participantes em relação aos conglomerados midiáticos e, no segundo caso, para captação de imagens das camadas de gelo da Groenlândia⁷.

Nos dois casos observamos o interesse público e o uso do recurso drone como o limite para obtenção das informações. Entretanto, para problematizar, lançamos duas questões de pesquisa acerca da relação

⁶ Disponível em: <http://www.nytimes.com/interactive/2015/10/27/world/greenland-is-melting-away.html?_r=2>. Acesso em: 10 nov. 2015.

⁷ Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2015/10/28/insider/a-drones-vantage-point-of-a-melting-greenland.html>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

mobilidade-drone-jornalismo: qual o limite dos preceitos éticos do uso de drones no jornalismo? Como se estabelece a fronteira entre privacidade e interesse público?

De fato, os drones constroem uma nova noção de prática jornalística e a novidade envolve discussão da deontologia do jornalismo em relação ao procedimento como ocorreu, a partir da década de 1990, em torno das chamadas câmeras escondidas utilizadas e incorporadas nas reportagens sobre crimes, flagrantes de delitos, denúncias em hospitais ou de atos de corrupção. Há uma apropriação tecnológica incorporada as rotinas de produção jornalística que afeta os processos tradicionais ou de busca transparente de dados para compor reportagens investigativas.

O recorrente uso desses equipamentos na indústria jornalística se deve à praticidade e baixos custos; o zelo pela segurança do repórter, que não precisa se expor a situações de risco para obter seus fatos; além da transmissão (em vários casos) simultânea das informações colhidas. Porém os drones também têm suas limitações, como a dependência de redes Wi-Fi para a transmissão em streaming de seu conteúdo e as questões éticas que envolvem seu uso. (MELARE, 2015, online)⁸.

O imaginário do jornalismo "super-homem" ou "homem-aranha" com poderes acima dos jornalistas normais para acesso a dados compõe o cenário em que os drones se tornam extensão instrumental enquanto tecnologia de captação aérea. Latour (2008) representa esse imaginário através da noção de actantes em que atores humanos e não-humanos se entrelaçam como mediadores ou intermediários de ações e controvérsias. Para Lemos (2013) "humanos comunicam. E as coisas também", ou seja, há mediadores não-humanos atuando formados por "objetos inteligentes, computadores, servidores, redes telemáticas, *smart phones*, sensores e etc" (LEMOS, 2013, p.20). Os drones, operados remotamente, incorporam essa capacidade de agente por ser, em essência, um computador voador com uma câmera de captura de dados. Neste sentido estamos diante de um sistema da mobilidade representado por um veículo aéreo que contribui com o conceito espaço-temporal e de espacialização com seu sistema de geolocalização. A mobilidade física se expande para a mobilidade espacial e informacional.

Os drones saem do contexto de máquinas de guerra para a dimensão do campo jornalístico e de interesse público a partir da

⁸ Disponível em: <<http://www.dicyt.com/noticia/uso-de-drones-pelo-jornalismo-requer-praticas-eticas>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

construção do conceito de "jornalismo drone" e envolve uma dimensão política e da filosofia da técnica expressa na mobilidade em que o movimento transita entre o público e o privado.

UAVs também mudam a nossa percepção dos nossos movimentos, nossas noções de espaço público e privado e nossa percepção de ser visível, como isso se torna 'Resolucionário'. O que acontece quando para ser invisível requer tornar-se menor do que um pixel, como expresso na obra da artista Hito Steyerl? Que tipo de regulamentação legal é necessária para lidar com drones tendo em vista que eles não são facilmente previstos como formas de vigilância estática como o CCTV? (KRISIS, 2015, online, tradução nossa)⁹.

Para a prática jornalística o fluxo de informação horizontal e geolocalizado permitido pelos drones confere um novo status ao dia a dia da produção da notícia em mobilidade. Para Santaella (2007) a cultura da mobilidade envolve novas linguagens líquidas e, neste caso dos drones, nos deparamos com uma nova linguagem que reconfigura a processualidade da cobertura jornalística de campo com sua dinâmica específica tendo em vista que se utiliza do espaço aéreo para captação de material de cunho jornalístico. Para Sheller (2011, p.1) estes elementos se enquadram na perspectiva dos estudos sobre a mobilidade: "Uma nova abordagem para os estudos da mobilidade tem emergido por meio das ciências sociais, envolvendo pesquisa sobre a interface de movimento de pessoas, objetos e informação a partir da complexa dinâmica relacional."¹⁰ Este contexto se relaciona também com o processo de convergência cultural (JENKINS, 2001, 2009) em que as redes, as tecnologias e estratégias de atuação se combinam para a geração de narrativas dinâmicas (ou transmidiáticas como defende o teórico).

Neste aspecto, além da dimensão técnica que envolve a questão, a principal perspectiva está relacionada aos elementos da ética, mais especificamente a privacidade. Esta é uma dimensão sempre sensível aos

⁹ "UAVs also change our awareness of our movements, our notions of public and private space and our perception of being visible, as this becomes 'resolutionary': What happens when becoming invisible requires becoming smaller than a pixel, as expressed in the work of artist Hito Steyerl? What kind of legal repertoire is needed to cope with drones, as they do not easily correspond to previous and more static forms of CCTV surveillance?" (KRISIS, 2015, online, tradução nossa). Disponível em: <<http://krisis.eu/?fhdfhj#htmlpart=content/calls.htmlpart>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

¹⁰ "A new approach to the study of mobilities has been emerging across the social sciences, involving research on the combined movements of people, objects and information in all of their complex relational dynamics". (SHELLER, 2011, p.1).

preceitos do jornalismo por ser sua base na construção da notícia. Sendo assim, discutiremos mais atentamente essas questões e seus desdobramentos diante do cenário que vivemos no contexto contemporâneo de proliferação de drones.

Questões éticas do jornalismo drone

O debate sobre as implicações éticas do uso de drones no jornalismo cresce em proporção semelhante à popularização do equipamento pelas redações dos principais grupos de comunicação do mundo. Uma das justificativas para o uso de drones é evitar a inserção de repórteres em situações de risco. Nesse sentido, parece haver uma tendência ao consenso sobre a pertinência do uso desses equipamentos.

As imagens obtidas através dos VANTs podem auxiliar a dar profundidade para matérias as quais os jornalistas não conseguem fisicamente cobrir e podem também ser aproveitados em casos nos quais a vida do profissional pode estar em jogo, tais como conflitos, guerras, incêndios ou desastres naturais como enchentes ou tornados; a possibilidade de ter “olhos” em diferentes posições de um fato pode contribuir para a qualidade do conteúdo jornalístico produzido. (PASE; GOSS, 2013, p. 182).

Porém, como já era de se supor, mesmo em tais circunstâncias os preceitos éticos devem ser observados. COSTA (2009) faz um pertinente resgate histórico da interações entre moral e ética no contexto jornalístico, desde surgimento deste até a contemporaneidade. Busca demonstrar como “as questões morais e éticas servem e desservem” o jornalista. Ele ressalta que as significativas mudanças em curso no campo da comunicação exigem um novo debate da ética no jornalismo, pois elas apresentam novas questões.

Exige também uma compreensão mais ampla desses fenômenos até mesmo para entender como essas empresas tratam a ética. Obriga a um aprofundamento da questão moral na mídia. Em paralelo, sobrevive na formação do comunicador, do jornalista, um vácuo no que toca à ética e à moral na perspectiva da história do conhecimento, vácuo que necessita ser preenchido para um conhecimento abrangente da questão da comunicação. (COSTA, 2009, p. 15).

Além da superação desse problema de formação, a sensibilidade será uma aliada crucial do repórter para efetuar a seleção de episódios que mereçam o registro com o auxílio de um drone. Uma tomada área dos

refugiados sírios pode ser efetuada sem que o dispositivo coloque em risco a segurança física dessas pessoas, caso tenha uma pane e despenque em queda livre até o solo. Mas, como alerta Matt Waite¹¹, fundador do ***Drone Journalism Lab***, há o impacto psicológico. Elas não sabem que aquilo é um drone e podem confundi-lo, por exemplo, com algum tipo de dispositivo bélico, causando um pânico generalizado, cujas consequências provavelmente seriam fatais.

No Brasil, o barateamento do acesso à tecnologia e a ausência de normatização sobre o seu uso contribuem para a crescente e diversificada produção de conteúdo a partir da operação de drones. Em princípio esse aumento não é algo negativo. Agora, é preciso analisar se a utilização desse recurso não tende a ser banalizada. É um questionamento semelhante ao efetuado quando as chamadas câmeras ocultas tiveram seus preços reduzidos e foram usadas à exaustão por profissionais que, não raro, transgrediam artigos do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros.

O pretexto para captar imagens com esses aparelhos era defendido pelo suposto interesse público de um determinado fato. No entanto, em vários casos, as câmeras eram usadas, por exemplo, em uma clara e injustificada invasão de privacidade. A prática incomodou os próprios jornalistas, que denunciavam o abuso cometido pelos colegas e levaram o debate para as Comissões de Ética dos Sindicatos dos Jornalistas Profissionais.

Em 2007, no Congresso Extraordinário dos Jornalistas, realizado em Vitória, a tentativa de coibir a banalização das câmeras ocultas ficou oficializada. O evento tinha o objetivo específico de atualizar o **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**, que passou a conter, em seu artigo 11, um inciso sobre essa questão.

Art. 11. O jornalista não pode divulgar informações:

- I - visando o interesse pessoal ou buscando vantagem econômica;
- II - de caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes;
- III - obtidas de maneira inadequada, por exemplo, com o uso de identidades falsas, câmeras escondidas ou microfones ocultos,

¹¹ Declaração publicada em notícia produzida pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji). Disponível em: <http://abraji.org.br/?id=90&id_noticia=2982>. Acesso em: 25 out. 2015.

salvo em casos de incontestável interesse público e quando esgotadas todas as outras possibilidades de apuração¹².

É provável que, em uma nova atualização do Código de Ética, incisos específicos sobre a utilização de drones sejam construídos com o objetivo de, pelo menos, demarcar de forma explícita os limites de sua apropriação pelos jornalistas. Isso porque alguns profissionais já usam o equipamento para “revelar a intimidade” de celebridades, em uma clara transgressão ao dever do jornalista de “respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão”¹³, conforme prevê o inciso VIII, do artigo 6º do Código de Ética dos Jornalistas.

Mais uma vez, os próprios jornalistas se sentem incomodados com as práticas de alguns colegas. Nessa perspectiva, Matthew Schroyer, integrante da Sociedade Profissional dos Jornalistas Drones, foi ousado ao elaborar um Código de Ética específico para jornalismo drone.

No código definido por Schroyer (Figura 1), a base da pirâmide é o valor-notícia do fato, no qual o jornalista deve se perguntar se vale a pena utilizar um veículo que envolve riscos de segurança para se obter essa informação; a segunda camada diz respeito à segurança dos espaços aéreos, do público em terra e do operador do veículo; a próxima camada é a de respeito às leis e espaços públicos, na qual abre-se uma exceção “em casos nos quais o jornalista é bloqueado injustamente de utilizar os drones para obter informações críticas, de acordo com suas funções como membros do quarto poder” (SCHROYER, online); a privacidade das pessoas e a preferência pela utilização em locais públicos é a quarta etapa, a última sendo a ética tradicional, que todo jornalista segue ao exercer a profissão diariamente. (PASE; GOSS, 2013, p. 184-185).

Por enquanto, é necessário ressaltar, há poucos parâmetros para operação desses aparelhos no Brasil, independente do motivo pelo qual ele levantou voo. Segundo reportagem do Estado de São Paulo¹⁴, somente sete drones, até julho deste ano, estavam regularizados no País. Conforme a Agência Nacional de Aviação Civil (Anac) teria informado ao Estado de São Paulo, são dois da Polícia Militar Ambiental de São Paulo, dois da Polícia Federal, um do Departamento Nacional de Produção

¹² Código de Ética dos Jornalistas. In: Observatório da Imprensa. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/caderno-da-cidadania/o-codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/>>. Acesso em: 05 nov. 2015.

¹³ Disponível em: <<http://www.fenaj.org.br/materia.php?id=1811>>. Acesso em: 05 nov. 2015.

¹⁴ Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,drones-deverao-ficar-a-uma-distancia-de-30-metros-das-pessoas--diz-anac,1755449>>. Acesso em: 20 out 2015.

Mineral e dois da empresa Xrobots. Nenhum, portanto, é de propriedade de um veículo de comunicação, embora conteúdos elaborados com o apoio de drones sejam publicados por alguns dos principais grupos de comunicação do País.

Ainda de acordo com o Estado, entre 50 mil e 100 mil equipamentos desse tipo voam pelo espaço aéreo brasileiro. Os dados não são precisos, segundo a matéria, porque muitos aparelhos são importados de forma ilegal. Motivada por esse cenário, a Anac, em setembro deste ano, apresentou uma proposta de regulamentação para drones. Ela ficou disponível para consulta pública por um mês e, no momento, as críticas e sugestões enviadas pelos cidadãos são analisadas pelos técnicos da Anac para normatização.

Algumas determinações, caso sejam mantidas conforme a proposta original, afetarão, de forma mais específica, a apropriação de drones pelos jornalistas. Em manifestações, como marchas, por exemplo, apenas órgãos de segurança pública poderão operar esses equipamentos. A Anac também pretende exigir, de drones utilizados comercialmente, a celebração de seguro para cobrir eventuais danos a terceiros. Essas normas demonstram a preocupação de que essas aeronaves venham a causar vítimas, já que podem sofrer pane em pleno voo e cair sobre as pessoas que participam de um protesto ou simplesmente assistam a uma partida de futebol.

Nesse sentido, uma outra habilidade será exigida do jornalista multitarefa: aprender a pilotar com perícia essas aeronaves. A depender do porte do drone utilizado, o responsável pela operação deverá ter, conforme a proposta da Anac, certificado médico aeronáutico, licença, habilitação e efetuar o registro de cada voo. Dessa forma, além de voar em busca de ângulos diferenciados de um fato, o repórter precisa dominar conhecimentos aeronáuticos.

Eles serão fundamentais, por exemplo, para definir que, por conta de condições meteorológicas desfavoráveis, não é possível decolar. Aqui, em intercessão com a área aeronáutica, o repórter será demandado a tomar decisões éticas, já que não deve arriscar fazer tomadas aéreas por meio de um drone se essa operação não for totalmente segura. Ou seja, mesmo que esteja diante de um furo de reportagem, não poderá colocar em risco a sua vida ou a de terceiros para fazer tal cobertura.

Estudos de caso: experiências da *Folha de S.Paulo* e *The New York Times*

O jornalismo, em seu contexto multiplataforma, tem experimentado uma série de tecnologias como parte do processo de apuração, produção e distribuição de conteúdos. O drone é um dos equipamentos mais recentes dentro desse aparato voltado para as coberturas jornalísticas complexas como manifestações. O uso depende da criatividade e das estratégias para aproveitar o alcance de um Vant (Veículo Aéreo Não-Tripulado) para ir aonde os olhos humanos não são capazes, permitindo a captura de imagens e vídeos (em guerras, manifestações, desastres naturais) considerado como uma ferramenta capaz de trazer “novo olhar” para a notícia.

Neste artigo exploraremos dois casos centrais do uso do drone - *Folha de S.Paulo* e *The New York Times* - e problematizaremos essas experiências à luz da teoria e dos conceitos que norteiam a perspectiva do uso de drones no jornalismo observando os aspectos éticos, de privacidade, de relação público-privado e da deontologia do jornalismo. No Brasil, os drones foram notícia ao serem usados pela *Folha de S. Paulo*, que contratou a empresa GoCam (especialista em operações de vídeo com drones), para cobrir as manifestações ocorridas em junho de 2013¹⁵. O fotógrafo e documentarista João Wainer, então diretor da TV Folha, idealizou a cobertura e relatou à revista *Trip*, edição 243, publicada em maio de 2015, seus bastidores e repercussão.

No largo da Batata, milhares de pessoas se concentravam para sair em marcha em um dos maiores protestos já vistos em São Paulo quando o pequeno Phantom branco, equipado com uma câmera gopro e pilotado por Luis Neto, decolou de um posto de gasolina na avenida Faria Lima. Até então drones eram pouco conhecidos, e as reações de quem olhou para o céu naquela noite foram as mais diversas. Alguns acharam que eram alienígenas (um site de ufologia publicou matéria dizendo que um óvni fora visto sobrevoando as passeatas), outros acharam que era coisa da polícia. O mais encantado com aquilo, na verdade, era eu. Com o monitor de vídeo nas mãos, observava a multidão de um ângulo novo – e enxergava pela primeira vez a nova fronteira que se abria para o cinema e o jornalismo. Até aquele dia um drone nunca havia sido usado em uma cobertura jornalística no Brasil – e, até onde eu sei, no mundo. Essa cobertura foi um marco para a

¹⁵ As pessoas foram às ruas protestar contra o aumento nas passagens de ônibus em várias cidades do país. E ficou conhecido como o movimento “Passe Livre”, onde a mídia independente obteve destaque na figura do Mídia Ninja.

Antonio **SIMÕES** • Fernando Firmino da **SILVA** • Arão de **AZÉVEDO** • Keliane **BARBOSA**
Deise **CARVALHO**

TV Folha, ganhamos o Prêmio Esso de Jornalismo e produzimos *Junho*, documentário lançado nos cinemas no ano seguinte. Foi ali que eu tive certeza de que nada mais seria como antes quando esses aparelhos se popularizassem¹⁶. (WAINER, 2015, online).

Se os jornalistas não podiam estar em meio a grande multidão e dimensionar a extensão do movimento, o drone equipado com a gopro realizou a tarefa de não só ser os olhos do jornalista durante as manifestações como também comprovar as potencialidades desse equipamento. Neste sentido, o aspecto pode sim representar um avanço para as coberturas jornalísticas não só em protestos, mas principalmente em eventos que coloquem em risco a vida do jornalista como incêndios, acidentes, zonas de conflito, produções cinematográficas e lugares de difícil acesso.

Os repórteres da *Folha de S.Paulo* estabeleceram o que podemos chamar de “confronto” de estratégias. Enquanto o acesso da equipe era restrito nas ruas onde ocorriam as manifestações, buscaram uma cobertura aérea, mas sem os custos operacionais que o uso de helicóptero representaria. A saída foi o uso de drones, aeronáveis não tripuladas, para poder fazer imagens panorâmicas e seguranças. Deste modo, temos nessa conjuntura uma aproximação em termos de inovação do que fazia o Mídia Ninja enquanto apropriação de aplicativos, redes sem fio e de participação do público da cobertura através de redes sociais e chat da transmissão. (SILVA; BARBOSA; CARVALHO, 2015, p.13).

Desde 2013 as práticas jornalísticas envolvendo os drones ainda são experimentais no país, a medida que não há ainda uma lei que regule até onde é possível explorar as potencialidades do equipamento. Algumas empresas de jornalismo vêm produzindo várias reportagens com esses “Olhos que tudo veem”¹⁷.

¹⁶ Disponível em <<http://revistatrip.uol.com.br/revista/243/salada/como-os-drones-vaorevolucionar-o-jornalismo-e-o-cinema.html>>. Acesso em: 27 out. 2015.

¹⁷ Termo utilizado pelo Portal UOL no especial “Drones”. Disponível em: <<http://tab.uol.com.br/drones/>>. Acesso em: 08 nov. 2015.



Figura 1: Folha de S. Paulo utiliza drones na cobertura de manifestações

Fonte: captura de tela¹⁸

Em março de 2015, manifestantes brasileiros foram mais uma vez às ruas. Dessa vez era para protestar contra a corrupção no governo Dilma e demais políticos. A *Folha de S. Paulo* utilizou um drone para captar imagens de vários ângulos das manifestações (figura 1), voando baixo diferente de um helicóptero que precisa manter uma distancia maior do foco do movimento.

poder

bras

Protestos no Brasil

MAPA DAS MANIFESTAÇÕES | VEJA COMO FOI O ATO DE 15 DE MARÇO | QUEM SÃO OS ORGAN

Drone contratado pela Folha cai na avenida Paulista e fere duas pessoas

LEANDRO MACHADO
DE SÃO PAULO

15/03/2015 © 16h40 - Atualizado às 19h26

Figura 2: Acidente com drone da Folha de S. Paulo

Fonte: captura de tela¹⁹

¹⁸ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1603233-drone-contratado-pela-folha-cai-na-avenida-paulista-e-fere-duas-pessoas.shtml>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

¹⁹ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1603233-drone-contratado-pela-folha-cai-na-avenida-paulista-e-fere-duas-pessoas.shtml>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

O que podemos observar é que aos poucos as pessoas começam a reconhecer essa ferramenta como um “jornalista aéreo” que está ali para a captação de imagens. Durante um desses voos um drone da *Folha de S. Paulo* caiu na avenida paulista e feriu duas pessoas (figura 2), a notícia foi postada no próprio site do jornal que reconheceu o acidente.

Advogados, quando confrontados com o tópico de uso de VANTS, geralmente costumam ter como principal preocupação legal a privacidade. No entanto, do ponto de vista regulatório, a principal questão é a segurança - não simplesmente porque o veículo não é tripulado, mas porque o uso deve ser enquadrado na perspectiva da segurança aviatória geral. (GOLDBERG, CORCORAN E PICARD, 2013, p.14, tradução livre).

Este caso demonstra que é necessário regulamentar o serviço para que se possa ter o cumprimento de normas de segurança. Colocar pessoas em risco nas coberturas afeta, por exemplo, a credibilidade da imprensa que se utiliza de drones.

É preciso reconhecer também que os drones são uma novidade no jornalismo e ainda há muito o que ser ajustado nas suas práticas. Entretanto, identificamos que esse uso vem a reboque na mídia tradicional porque agora os concorrentes não são mais necessariamente os veículos de comunicação tradicional. Fora do arcabouço do *mainstream* emergem o movimento de ciberativismo e de atuação no *front* como vem sendo o caso da Mídia Ninja desde as manifestações em junho de 2013. Esse deslocamento está dentro da perspectiva das mobilizações em rede e no espaço urbano de forma híbrida (MALINI; ANTOUN, 2013; CASTELLS, 2009) através do uso de conexões generalizadas do espaço urbano como Wi-Fi ou 3G e 4G e *smartphones* e aplicativos de transmissão. Esse aparato completa essas apropriações para cobertura pela mídia de função pós-massiva (LEMOS, 2007), ou seja, da mídia não tradicional como é o caso da Mídia Ninja e de outros ativistas.



Figura 3: Uso de drones em narrativas do *The New York Times*
Fonte: captura de tela²⁰

Além do uso dos drones em conflitos e guerras para o registro de fatos e lugares de difícil acesso, até por helicóptero, o *gadget* tem emergido em narrativas "controladas" em que o que está em jogo não é necessariamente os perigos da cobertura em termos de território inimigo ou de risco iminente de ataques ou de ameaça como no caso de manifestações. Esta nova estratégia está em andamento em reportagens construídas pelo *The New York Times*, que sempre procura novos formatos com características inovadoras (figura 3).

Mas além de estar envolvido nesses projetos experimentais, o *New York Times* continua a incorporar o drone em coberturas de fôlego como "Greenland Is Melting Away" (figura 3). A reportagem, que registra o trabalho de pesquisadores em busca de respostas sobre os efeitos do aquecimento global no derretimento do gelo da Groenlândia, é iniciada com as imagens aéreas das bacias hidrográficas alimentadas pelo degelo, as quais dão consistência ao título "Groenlândia está derretendo"²¹.

Os equipamentos foram usados pela equipe de cientistas para realizar o mapeamento da área estudada *in loco*. O baixo custo dos drones, quando comparado aos 5000 dólares, por hora, necessários para fazer um sobrevoo da região de helicóptero, é uma das justificativas para sua adoção. Por meio de suas imagens é possível acompanhar os imensos

²⁰ Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2015/10/28/insider/a-drones-vantage-point-of-a-melting-greenland.html>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

²¹ Tradução livre.

Antonio **SIMÕES** • Fernando Firmino da **SILVA** • Arão de **AZÉVEDO** • Keliane **BARBOSA**
Deise **CARVALHO**

canais, aumentados pelo derretimento do gelo, que desaguam no oceano e podem contribuir significativamente para o aumento do nível do mar, afetando drasticamente a vida de milhões de pessoas em todo o planeta.

Ainda sobre o uso de drones, recentemente a BBC também passou a utilizar os drones em suas produções jornalísticas. "Auschwitz: Drone video of Nazi concentration camp"²² mostrou Auschwitz, um dos campos de concentração nazista, do início ao fim com imagens captadas por um drone. Imagens com legendas que levaram o telespectador a entender toda a dimensão do campo. Com essa iniciativa, a BBC demonstrou que é possível produzir um bom material jornalístico com o auxílio de um drone.

Em busca de otimizar e qualificar as coberturas efetuadas por meio dessas aeronaves, dez grandes grupos jornalísticos firmaram uma parceria com a universidade de Virginia Tech. Entre eles estão *The New York Times*, *Washington Post* e *Associated Press*. A instituição de ensino é uma das seis áreas autorizadas nos Estados Unidos para promoverem testes com esses dispositivos móveis não tripulados. Ainda de acordo com notícia publicada no jornal *O Estado de São Paulo*, "As empresas afirmaram que a parceria tem como objetivo realizar testes controlados envolvendo uma série de situações da vida real nas quais a mídia jornalística poderia usar a tecnologia dos UAS menores para captar notícias"²³.

Na análise desses casos, percebemos que os usos dos drones não têm padrões definidos. Naturalmente, a pauta em voga vai indicar as circunstâncias e a viabilidade tendo em vista que mesmo sendo um equipamento portátil não se compara a um *smartphone* e uma câmera em que é possível incorporar como ferramentas do dia a dia pelas ruas. Os drones são mais carregáveis que portáteis. Entretanto, eles se vinculam à noção de mobilidade dentro do jornalismo. Estas duas vertentes discutidas - mobilidade e ética no jornalismo - perpassam todas as decisões sobre a utilização do equipamento porque ele não é invisível e ainda tem a capacidade de trânsito por áreas restritas do espaço urbano. A experimentação dos drones no jornalismo ativista e no jornalismo profissional de grupos como a *Folha de S.Paulo* e *The New York Times* indica que há uma inclinação para a sua incorporação na produção jornalística e os valores jornalísticos relacionados às questões éticas

²² Material disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=449ZOWbUkf0>>. Acesso em: 08 nov. 2015.

²³ Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,empresas-se-unem-para-testar-drones-no-jornalismo-imp-,1621151>>. Acesso em: 29 out. 2015.

devem ser observados ou colocados em alerta para que o jornalismo não entre na fronteira da mera especulação.

Considerações finais

Desde as últimas modificações no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, há mais de oito anos, inúmeras ferramentas surgiram e foram apropriadas pelo jornalismo. Elas fazem parte do cotidiano das principais redações convergentes em diversos países. Com a popularização do uso dos drones pelos jornalistas, o debate ético, sobre as implicações das reconfigurações que ocorreram no campo jornalísticos, tende a tornar-se central e, provavelmente, culminar com uma necessária atualização do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros.

Essa conjuntura, como vimos ao longo do artigo, requer, cada vez mais, uma preocupação dos jornalistas e das redações e também dos investigadores do campo do jornalismo e da comunicação visando aprofundar a compreensão desse impacto e a natureza do seu uso na rotina produtiva. O jornalismo sempre se apropriou de tecnologias em momentos cruciais de conflitos e guerras como na Guerra do Iraque na década de 1990 com os satélites, na segunda Guerra do Iraque em 2003 com o uso de videofone e internet e agora com os drones. Em todas estas circunstâncias foram colocadas questões como o imediatismo ou a privacidade como componentes comprometedores do processo de apuração. Há legitimidade no uso desses instrumentos tecnológicos, mas deve-se colocar em discussão as formas de apropriação.

Na nossa análise expomos dois casos representativos como o da *Folha de S. Paulo* e *The New York Times*. Em ambos se observa operações de uso em contexto fora do alcance das ferramentas convencionais como helicóptero e registros em câmeras portáteis para instrumentalizar as narrativas.

Referências

- CASTELLS, Manuel. **Communication Power**. Oxford, New York: Oxford University Press, 2009.
- COSTA, Caio Túlio. **Ética, jornalismo e nova mídia: uma moral provisória**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- JENKINS, Henry. Convergence? **I Diverge**. Digital renaissance. Technology review, jun. 2001, p.93. IN: JENKINS, Henry. **The cultural logic of media convergence**. International Journal of Cultural Studies. 2004 7:33.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LATOURE, Bruno. **Reassembling the Social** - An Introduction to Actor-Network-Theory. New York: Oxford, 2005.

LEMONS, André. **A comunicação das coisas** - teoria ator-rede e cibercultura. São Paulo: Annablume, 2013.

LEMONS, André. Cidade e mobilidade. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. **Revista MATRIZES**, São Paulo, v.1 n.1, p.121-137, out. 2007. Disponível em:

<<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/29/43>>.

Acesso em: 16 jan. 2016.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua**: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MELARE, Júlia. **Uso de drones pelo jornalismo requer práticas éticas**. Disponível em: <<http://www.dicyt.com/noticia/uso-de-drones-pelo-jornalismo-requer-praticas-eticas>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

PASE, André Fagundes; GOSS, Bruna Marcon. Dronalismo: notas sobre o uso de drones na produção de conteúdo jornalístico. **Revista GEMINIS**, São Carlos, SP, v.1, n.2, p.176-189, maio 2013. Disponível em:

<<http://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/153/122>>. Acesso em: 16 jan. 2016.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SHELLER, Mimi. **Mobility**. Disponível em: <<http://t.co/nAxDiZg?type=js>>. Acesso em: 15 ago. 2011.

SILVA, Fernando Firmino da; BARBOSA, Keliane Aparecida Tavares; CARVALHO, Deise Ribeiro. **Mobilidades e novas rotinas jornalísticas em contexto de geolocalização baseado em tecnologias móveis digitais**. (relatório PIBIC CNPq). UEPB, 2015.

URRY, John. **Mobilities**. Cambridge: Polity, 2007.

WAINER, João. A vez dos Drones. **Revista Trip**. São Paulo: Trip Editora. #243 maio 2015. Disponível em:

<<http://revistatrip.uol.com.br/revista/243/salada/como-os-drones-vaio-revolucionar-o-jornalismo-e-o-cinema.html>>. Acesso em: 27 out. 2015.